

Roberto Carlos Cardozo

CORDEIROS ENTRE LOBOS



Roberto Carlos Cardozo

Cordeiros entre lobos

Frôntis  Editorial
São Paulo /SP
2023

Copyright© 2022

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - março de 2023

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

Sumário

Capítulo I	A prisão.	7
Capítulo II	Rosair.	19
Capítulo III	O Rato	31
Capítulo IV	Rosa – um novo trabalho.	42
Capítulo V	3J retorna da solitária.	54
Capítulo VI	Rosa – o roubo do “Pinalli”	65
Capítulo VII	3J conta a sua história	76
Capítulo VIII	Rosa – a visita	88
Capítulo IX	3J – cumprindo uma promessa	97
Capítulo X	Rosair – Nadir	109
Capítulo XI	3J - em busca da liberdade	122
Capítulo XII	1999 - a trama	134
Capítulo XIII	Rosair – trabalho em São Paulo	145
Capítulo XIV	A reunião	160
Capítulo XV	Rosair na prisão	168
Capítulo XVI	O atentado	186
Capítulo XVII	3J - O cerco se fecha	202
Capítulo XVIII	Rosair sai da prisão.	213
Capítulo XIX	O jardineiro.	229
Capítulo XX	O jantar com Minos	241
Capítulo XXI	Os encontros	253

Capítulo I

A prisão

– Esteja pronto para partir. Amanhã virão buscá-lo às sete horas. – disse o carcereiro.

Ele passou a noite acordado, deitado em seu estreito catre do presídio. Olhando fixamente para o teto, reconstituiu mentalmente, por muitas vezes, a conversa que tivera com sua madrasa; ela não conseguira lhe explicar o que estava acontecendo.

Às sete horas da manhã, um dos agentes penitenciários entrou na cela onde estava João Júlio Junqueira, o 3J, como era conhecido.

– João Júlio?

– Sou eu.

Ele ficou surpreso ao perceber como sua voz soava estranha.

– Por ordem do Tribunal de Justiça Criminal do Estado do Rio Grande do Sul, você será transferido imediatamente para a Penitenciária Estadual de Alegrete. Vamos embora, garoto!

Levantou-se rapidamente da borda da cama e, no mesmo instante, foi conduzido por um corredor comprido, passando por celas cheias de reclusos.

- Tenha uma boa viagem, querido. – disse-lhe um homossexual de uma cela.
- Se está indo para Alegrete, dê lembranças ao Ramires. – disse-lhe outro.

Ele estava do lado de fora do pátio. O ônibus da prisão, com as janelas gradeadas, esperava-o com o motor ligado.

Seis homens se encontravam sentados no ônibus, vigiados por dois agentes penitenciários.

3J olhou para os rostos de seus companheiros de viagem. Um deles mantinha uma atitude desafiadora; um outro se mostrava entediado, enquanto os demais exibiam expressões de desespero. A vida que levaram até então estava prestes a terminar. Eram apenados sendo conduzidos à penitenciária de segurança máxima, onde ficariam trancafiados como animais.

3J se perguntou que crimes teria cometido e se algum deles, ali naquele ônibus, era tão inocente quanto ele... E também se perguntou o que os outros viam em seu rosto.

O ônibus da prisão tomou rumo em direção à ponte do Guaíba, atravessou-a, e, logo a seguir, entrou na estrada que vai para Uruguaiana, passando por Alegrete. A viagem parecia interminável, o ônibus quente e malcheiroso; mas 3J nem percebia, voltara-se para dentro de si mesmo, não via os campos verdejantes, as cidades pelas quais o ônibus passava, encontrava-se absorto em seus pensamentos, em outro lugar.

Era um garotinho na praia de Imbituba. O pai, um importante empresário, presidente do grupo das empresas Junqueira S/A - Produtos Alimentícios, levava-o para o mar nos ombros e brincavam de jacaré nas ondas do Atlântico, enquanto os surfistas pegavam ondas de mais de dois metros... São Francisco pa-

ra Itajaí, em Armação, o parque temático de Roberto Carreiro... Quantas lembranças de um tempo que não viria mais.

O auditório da Unisinos se apresentava lotado de estudantes. Seu pai e seus parentes ocupando as primeiras filas. 3J era o orador da turma.

Falou por 10 minutos, e seu discurso estava eivado de um idealismo elevado, com referências engenhosas ao passado e grandes sonhos para o futuro. O representante do reitor o proclamara bacharel em ciências contábeis.

Lembrava quando seu pai dissera:

- Você deve ir para a Europa se aperfeiçoar em administração empresarial. Afinal, um dia terá de comandar todas as nossas empresas.

João Júlio, em seus pensamentos, está tentando descobrir como o controle acionário das empresas de seu pai fora parar nas mãos dos dois diretores e de sua Madrasta.

Lembrava que estava investigando o que acontecera, quando seu carro fora parado numa estrada, e a polícia descobre, dentro de seus pertences, meio quilo de cocaína. Ele, que nunca tivera visto qualquer tipo de drogas antes: *“Eles se livraram de mim por nove anos, mas viverei apenas com a finalidade de me vingar; não só pelo que fizeram a mim, mas principalmente pelo que fizeram a meu pai”*.

- Você! Estou falando com você. Por acaso, é surdo? Vamos, seu estúpido.

3J levantou os olhos e se descobriu no ônibus da prisão, que parou num pátio cercado por muros de alvenaria. Uma sucessão de seis cercas, com arame de dez em dez centímetros, isolava os

dez hectares de pastagens e bosques que constituíam a Penitenciária Estadual de Alegrete.

– Saia! – ordenou o agente penitenciário, com uma voz tonitruante.

Ele sai, olha pela primeira vez uma casa penal por dentro. Muros de três metros de altura cercavam os prédios a uma distância de mais de vinte metros. A cinco metros do muro, havia cerca de arame farpado, com a altura de dois metros, e fios de dez em dez centímetros, iguais as que cercavam os campos e os bosques.

Nos quatro cantos, torres de vigia se destacavam dos muros, superando-os em mais dois metros. Havia uma metralhadora ponto cinquenta instalada em cada guarita, que eram monitoradas por três agentes penitenciários.

3J e os outros apenados começam a descer do veículo. O portão de entrada é fechado. Um dos agentes penitenciários retira as algemas dos recém-chegados e os conduz, em fila indiana, para o interior da prisão. Lá, esperava-os o diretor do presídio, que lhes falou:

– Não posso lhes dizer que sejam bem-vindos, mas lhes direi que vocês são privilegiados por estarem nesta casa prisional. Aqui não há homossexualismo, não há grupos dominantes e não há a mínima possibilidade de fuga. Esta é uma casa modelo: dois detentos por cubículo, catres novos e higiênicos, sanitário privativo, roupas de cama higienizadas uma vez por semana; livros à vontade para lerem; trabalho por oito horas diárias, que não os deixará pensarem em coisas ruins. Pelos seus trabalhos, receberão um salário justo, que será depositado em uma conta na Caixa Econômica Federal, que estará à sua disposição quando forem libertados. Enfim, isto aqui é um paraíso, sentirão falta ao saírem.

– Alguns de vocês passarão uma longa temporada aqui. Só há uma maneira de se livrarem desta prisão, que é no final da pena. Portanto, esqueçam tudo sobre o mundo exterior, o que pode fazer com que seu tempo aqui seja fácil ou difícil.

Temos regulamentos aqui, e vocês obedecerão. Nós lhes diremos quando devem se levantar, quando devem trabalhar, quando tomar sol, quando se divertir e quando fazer as necessidades fisiológicas. Violam qualquer um dos regulamentos e desejarão estar mortos.

Gostamos de manter as coisas pacíficas por aqui e sabemos como lidar com os encrenqueiros. Pode lhes parecer que estou ameaçando-os a maus tratos, mas não! Aqui não maltratamos ninguém. Como disse, esta é uma prisão modelo; sim, um modelo experimental de ressocialização. Aqueles que não seguirem as regras serão sumariamente enviados para as outras prisões, para as quais não são tão socializadas.

O diretor fez uma pausa, os olhos se fixaram em 3J.

– Serão levados agora para os exames físicos. Depois, passarão pelos chuveiros e irão para suas celas. Pela manhã, receberão as suas tarefas. Isso é tudo.

Este discurso o diretor fazia há mais de quinze anos, desde quando a penitenciária fora inaugurada. Hoje, ela se encontra com superpopulação, tudo parcialmente destruído, pela falta de manutenção. A corrupção dos agentes penitenciários e o domínio dos presos com poder aquisitivo fizeram com que ela se igualasse a todas as demais.

Os prisioneiros entraram numa grande sala com ladrilhos brancos, onde um homem magro e calvo, de meia-idade, numa bata branca, estava parado ao lado de uma mesa de exame. Um dos agentes penitenciários ordenou:

Entrem em fila.

Os prisioneiros formaram uma fila. O homem anunciou:

– Sou o doutor Elder Trentin, médico deste presídio. Tirem as roupas.

Todos se entreolharam indecisos. Um deles disse:

– Até onde precisamos?

– Não sabem o que significa tirar as roupas? Dispam-se... Tirem todas as roupas!

Lentamente, os homens começaram a se despir. Alguns se mostraram inibidos, alguns indignados, outros indiferentes. À esquerda de 3J estava um homem quase chegando aos 60 anos, tremendo violentamente. À sua direita, havia um garoto pateticamente magro, com feições orientais, parecendo não ter mais do que 18 anos. Sua pele se achava coberta de espinhas, e seu corpo arqueado para frente, com a cabeça baixa.

O médico olhou de longe a fila formada e disse:

– Nunca vi homens mais sem jeito do que vocês. Parece que nunca serviram ao exército – apontando para o garoto, que se encolheu, arqueando mais o corpo do que já estava.

O médico gesticulou para o primeiro homem na fila e disse:

– Deite na maca, os demais entrem na fila. Vamos examinar as suas lindas bundinhas.

Antes que 3J pudesse se conter, as palavras saíram:

– Por que está fazendo isso?

O doutor lançou lhe um olhar irado.

– Vou explicar o porquê: porque os rabos são grandes esconderijos. Tenho uma coleção grande de maconha, de cocaína

e de canivetes que tirei de homens como você. E agora trate de se inclinar.

Assim examinou um após outro, trocando as luvas e desinfetando as mãos a cada exame. 3J sentiu-se enjoado. Podia sentir a bÍlis quente subir pela garganta e começou a ter ânsias de vômitos.

O médico se virou para os agentes penitenciários.

– Podem levá-los para os chuveiros.

Nus, carregando as roupas, foram conduzidos por um corredor até uma grande sala de concreto, com uma dúzia de boxes de chuveiro sem privacidade.

– Deixem as roupas no canto – ordenou um dos agentes penitenciários – e entrem nos chuveiros. Usem o sabão desinfetante. Lavem todas as partes do corpo, da cabeça aos pés. E ensaboem bem os cabelos.

3J passou do chão de cimento áspero para o chuveiro. O jato de água era quente. Ele se esfregou com toda a força, pensando: *“Chegara à Inglaterra, a manhã estava fria e escura, Londres se cobria de uma espessa neblina. Descera do avião e se dirigia para o hotel. No dia seguinte, seria recebido por um dos representantes comerciais das indústrias de sua família. Como estranhara, na Inglaterra, os dias eram escuros e as noites eram frias, como também eram os europeus. Mas o tempo passara, e ele se acostumara com a ausência do sol dos pampas, das praias quentes de Santa Catarina. Lembrara do navio pirata que saía da praia de Camboriú e entrava oceano adentro, passando pela praia de Laranjeira, entre outras. Da encenação dos piratas, um pequeno teatro improvisado dentro do barco. Tudo estava tão longe e tão perto em sua mente”*.